

# Educação permanente em saúde. Instrumento potencializador das relações interpessoais no trabalho da enfermagem

Juliane Portella Ribeiro<sup>1</sup>  
Laurelize Pereira Rocha<sup>2</sup>

## Permanent education in health. An instrument to enhance interpersonal relations in nursing work

### Abstract

This is a reflexive study about the need to adopt Permanent Education in Health, as an instrument capable of transforming interpersonal relations in nursing work, as it values and respect collective construction with a view to the qualification of care. Privileging specialization programs only, with a focus on work techniques, on educative processes, as a training strategy for health services, ends up reinforcing the fragmentation of care, teams and the work process. In conclusion, Permanent Education in Health serves not only as teaching and learning practice to update and transform practices, but also influences team relations, transforming joint action processes and, at the same time, implying each subject-worker involved in health practices.

**Key words:** Nursing; Education; Health education.

## La educación permanente en salud. Instrumento potenciador de las relaciones interpersonales del trabajo en enfermería

### Resumen

Se trata de un estudio reflexivo sobre la necesidad de adoptar la Educación Permanente en Salud, como un instrumento capaz de transformar las relaciones interpersonales en el trabajo de la enfermería, ya que valora y respeta la construcción colectiva para la calificación de la atención. Privilegiar sólo la especialización con direccionalidad en la técnica del trabajo en los procesos educativos, como estrategia de capacitación para los servicios de salud, acaba por reforzar la fragmentación del cuidado, de los equipos y del proceso de trabajo. Se concluye que la Educación Permanente en Salud, además de servir como práctica de enseñanza y aprendizaje para la actualización y transformación de las prácticas, actúa en las relaciones del equipo, transformando

1 Enfermeira, Psicóloga, Doutoranda, Universidade Federal do Rio Grande (FURG/RS), Brazil.  
email: ju\_ribeiro1985@hotmail.com

2 Enfermeira. Mestranda, FURG/RS), Brazil.  
email: laurinharoch@hotmail.com

**Conflicto de intereses:** ninguno.

**Fecha de recibido:** 10 de febrero de 2012.

**Fecha de aprobado:** 15 de mayo de 2012.

**Cómo citar este artículo:** Ribeiro JP, Rocha LP. Permanent education in health. An instrument to enhance interpersonal relations in nursing work. Invest Educ Enferm. 2012;30(3): 412-417.

los procesos de acción conjunta y, al mismo tiempo, implicando cada sujeto-trabajador involucrado en las prácticas de salud.

**Palabras clave:** Enfermería; Educación; Educación en salud.

### **Educação permanente em saúde. Instrumento potencializador das relações interpessoais no trabalho da enfermagem**

#### ■ Resumo ■

Se trata de um estudo reflexivo sobre a necessidade de adotar a Educação Permanente em Saúde, como um instrumento capaz de transformar as relações interpessoais no trabalho da enfermagem, já que, valoriza e respeita a construção coletiva, para a qualificação do atendimento. Privilegiar só a especialização com direção na técnica do trabalho, nos processos educativos, como estratégia de capacitação para os serviços de saúde, acaba por reforçar a fragmentação do cuidado, das equipes e do processo de trabalho. Conclui-se que a Educação Permanente em Saúde, além de servir como prática de ensino e aprendizagem para a atualização e transformação das práticas, atua nas relações da equipe, transformando os processos de ação conjunta e, ao mesmo tempo, implicando cada sujeito-trabalhador envolvido nas práticas de saúde.

**Palavras chave:** Enfermagem; Educação; Educação em saúde.

## Introdução

Constantemente sofremos a ação do meio social que se modifica e continuamente dá seguimento a sua história. Em consonância com a nossa construção histórica é possível compreendermos nossa constituição como profissionais, e perceber a influência de várias formas de pensar e praticar a vida em sociedade. Na Revolução Industrial, as filosofias taylorista e fordista impulsionaram a tendência ao trabalho individual e centrado na especialização. A preocupação focada na produtividade segmentava as operações acentuando a divisão técnica do trabalho, através da decomposição dos postos de trabalho simplificando as tarefas e os gestos necessários para realizá-las, favorecendo e fortalecendo a hierarquização do poder e o controle sobre os trabalhadores. Esta organização provocou ao trabalhador a desapropriação do conhecimento do processo de trabalho como um todo, privando-o de intervir em questões importantes e humanas do mesmo, sem haver preocupação com as necessidades e interesses da classe.<sup>1</sup>

No entanto, na década de 80 com a globalização, há uma transformação no mundo empresarial exigindo a adaptação aos novos processos de produção e comercialização. Sendo imprescindível para o aumento da produção e competitividade a instauração e sustentação de programas de formação permanente e de reciclagem trabalhista. Por influência da filosofia Toyotista, inicia-se a valorização e aproveitamento do conhecimento e experiência dos trabalhadores, envolvendo-os na identificação de problemas, participação decisória de mudanças que favoreçam a produção e a qualidade de produtos e serviços, além do incentivo ao trabalho em equipe.<sup>1</sup>

Apesar das transformações, ressalta-se que as características das filosofias Taylorista e Fordista não desapareceram, dificultando as relações interpessoais e o engajamento dos profissionais no trabalho em equipe, em um clima de abertura, honestidade, confiança e cooperação, independente de sua formação acadêmica.<sup>2</sup> Tais filosofias são oriundas da organização sócio-

política e econômica, portanto, reproduzem a ideologia dominante, o compromisso do ser humano com sua realidade. A enfermagem, por sua vez, é uma profissão que não existe sem a cooperação coletiva, sem o trabalho em equipe, mas por ser uma profissão que busca a realização da assistência e o cuidado a saúde do ser humano, é fundamental a constante atualização e capacitação tecnológica. Mas, será que o acréscimo ou atualização de conhecimentos é uma condição suficiente para transformar as relações interpessoais no trabalho da enfermagem?

Privilegiar somente a especialização direcionada na técnica do trabalho nos processos educativos, como estratégia de capacitação para os serviços de saúde acaba por reforçar a fragmentação do cuidado, das equipes e do processo de trabalho. Dessa forma, a transformação deve centrar-se na mudança do perfil do trabalhador exclusivamente técnico e mecanicista, rígido e sem autonomia, para um trabalhador criativo, flexível, crítico, comunicativo, informado, detentor do conhecimento, e que tenha consciência de que está em constante aprendizagem, que saiba se comunicar, se relacionar, e que reflita sobre seus atos, assim proporcionará um avanço nas relações interpessoais e na qualidade do serviço prestado.<sup>3</sup>

Diante de tal demanda, a presente trabalho reflete acerca da necessidade de adotar a Educação Permanente em Saúde como um instrumento capaz de transformar as relações interpessoais no trabalho da enfermagem, visto que valoriza e respeita a construção coletiva, para a qualificação da assistência. A educação busca a conscientização por parte do indivíduo de que há a necessidade da (re)construção, pois como membro de uma equipe formada por sujeitos distintos em suas particularidades, precisam um do outro para atuar com eficiência e qualidade no cuidado. A reconstrução fundamenta-se em desaprender conceitos pré-moldados de um sistema vigente e abrir-se a novos conhecimentos, a novas aprendizagens. A construção é a busca pelo “aprender a aprender”, que se constitui em reconhecer seus atos, ideias dos colegas, missão da profissão e da instituição para dessa forma, adaptar-se as mudanças e intervir com

conhecimento para o crescimento do grupo, pois quando se aprende concomitantemente se atua.<sup>3</sup>

## **A construção histórica do trabalhador**

No princípio o homem vivia em contato com os outros homens como forma de garantir sua sobrevivência e espécie. Inicialmente, os agrupamentos originaram-se não só como forma de defesa dos perigos naturais, mas para instrumentalizar o domínio e o poder sobre grupos rivais. No entanto, à medida que estes primitivos agrupamentos foram institucionalizando-se, perderam suas características iniciais de solidariedade, lealdade e proteção mútua, passando a instrumentos de dominação e tirania sobre os mesmos.<sup>4</sup>

A moderna sociedade industrial, marcada pela tecnologia, tem exigido no ambiente de trabalho mais funcionários especializados para manter o sistema em operação. Ao passo que a tecnologia avança, a especialização também tende a crescer, e assim, o trabalho se fraciona em pequenas partes, levando o sujeito a trabalhar de forma individual e a procurar desenvolver habilidades para que seja valorizado pelo conhecimento detido, o que por consequência tem estimulado a competição e o distanciamento do trabalho em equipe.<sup>5</sup>

Toda mudança ocorrida nas relações de produção visou libertar o homem, torná-lo livre para vender sua força de trabalho, e hoje, a ação do homem passa a pertencer à sociedade, a ser regulada pelas leis de oferta e procura, levando-o a atender as suas exigências para que se mantenha no mercado de trabalho e assim garanta a sua sobrevivência.<sup>6</sup> Mesmo na enfermagem, em que os profissionais supostamente adquirem conhecimento sobre o processo de trabalho em sua formação acadêmica, e em sua vida prática deveriam utilizá-lo para auxiliá-los em uma assistência planejada e de qualidade, focando sua finalidade para transformação do cuidado, é difícil conseguir superar o cotidiano imposto pelo sistema capitalista, tornando-se meros tarefeiros.<sup>7</sup>

Assim, o individualismo, da concorrência e da competição entre homens se apresenta como verdade inquestionável, demonstrando a

necessidade de se expor à construção do homem individualista e suas implicações no trabalho em equipe sobre o processo de trabalho na enfermagem. Nesse sentido, a educação torna-se um instrumento necessário para mostrar para os membros de um coletivo que mesmo com a diversidade e similaridades individuais há um objetivo em comum e de interdependência entre eles, que no trabalho em enfermagem constitui-se no cuidar do ser humano.<sup>8</sup>

### **Educação permanente e as relações interpessoais no trabalho da enfermagem**

O trabalho em equipe é uma ideia tão cristalizada no contexto de trabalho da enfermagem que se torna imperativa não pensá-la de forma diferente. No entanto, as autoras desse artigo motivadas a estimular a reflexão dos leitores expõem referenciais teóricos para que se pense como se apresenta atualmente o processo de trabalho na enfermagem e a necessidade de desenvolver recursos tecnológicos de operação do trabalho perfilados pela noção de aprender a aprender.

Nos últimos anos, na enfermagem e nas demais profissões da área da saúde, as ações por uma prática humanizada têm ganhado lugar de destaque no processo de trabalho, motivadas, especialmente, pela Política Nacional de Humanização. No entanto, para o desenvolvimento de ações humanizadas na assistência em saúde, faz-se necessário que a humanização seja a filosofia da instituição, de forma a destacar o aspecto subjetivo presente em qualquer ação humana, em qualquer prática de saúde.<sup>7,9</sup>

Sendo a humanização a filosofia da instituição, se torna fundamental o incentivo à equipe, valorizando os profissionais enquanto seres biopsicossociais, pois, quando se sentem mais respeitados, valorizados e motivados como pessoas e profissionais, podem estabelecer relações interpessoais mais saudáveis com os pacientes, familiares e equipe multiprofissional.<sup>7,9</sup>

Dessa forma, a gestão em enfermagem deve estar em conformidade com as perspectivas hoje em curso, de modo a incluir a humanização nos

modelos gerenciais. Todavia, o trabalho em equipe na enfermagem possui uma carência de modelos que possibilitem construir espaços coletivos para a reflexão e avaliação de sentido dos atos produzidos no cotidiano. Partindo do conhecimento comum, é sabido que as ações isoladas tornam mais difíceis o alcance dos objetivos, mas a sociedade incentiva veemente a competitividade e o talento individual, tornando improvável a ocorrência de uma mudança na forma como os homens se relacionam. A mudança do individualismo para outras formas de organização do trabalho em equipe, em que há o envolvimento cooperativo das pessoas, relacionamentos horizontalizados, requer a mudança dos interesses individuais (pessoais) para os da equipe de trabalho na organização das práticas.

Com essa intenção, não basta reconhecer que a forma de organização não está sendo eficaz ou que a maneira de pensar e agir dos indivíduos é inadequada, é preciso transcender, romper com as rotinas vigentes e implementar novas estratégias a prática. Para que ocorra tal mudança na prática, as pessoas e as organizações necessitam experimentar desconfortos no cotidiano de trabalho, ou seja, perceber que a maneira vigente de fazer ou de pensar é insuficiente ou insatisfatória para dar conta dos desafios.<sup>10</sup> Reconhecendo que os ajustes e releituras dos profissionais e das instituições podem ocasionar renovação das estratégias e modelos de forma coerentes com o contexto.

Este processo suscita a interseção entre educação e trabalho, o qual possui um grande potencial para a construção de saberes e práticas que, confrontados com a realidade, se moldam possibilitando a superação do modelo tradicional das práticas nos serviços de saúde. A educação permanente assume tais características e evidencia que a renovação pode ser conquistada através da problematização no trabalho de cada equipe, em que o diálogo entre as práticas e concepções vigentes, arquitetando novos acordos de convivência e prática nos serviços de saúde.<sup>11,12</sup>

O processo de ensino-aprendizagem gerado pela Educação Permanente fundamenta-se na constituição do conhecimento através das rotinas,

atitudes e atividades diárias exercidas dentro do ambiente de trabalho pelo profissional, que ao refletir sobre a sua prática exerce a capacidade de transformar a realidade de forma crítica e autônoma. Com base nos pressupostos da aprendizagem significativa, fomenta o exercício e desenvolvimento de empreendimentos dos profissionais e a criação de novas estratégias na prática de saúde.<sup>13</sup>

Trata-se, sobretudo, de investir na transformação e qualificação da atenção à saúde, através da organização das ações e dos serviços, dos processos formativos; das práticas de saúde e das práticas pedagógicas. Para tanto se faz necessária a interação entre a diversidade de atores envolvidos na produção de saúde, como os trabalhadores e os usuários dos serviços, o sistema de saúde e as instituições de ensino, colocando em evidência a formação e o desenvolvimento dos trabalhadores.<sup>14</sup> Nesse contexto, as profissões de saúde podem ampliar conhecimentos e capacidades, refletindo em melhorias no processo de trabalho, na qualidade de vida dos profissionais e em transformações na formação em saúde. É um processo de devir, marcado por constantes reflexões e revisões no enfrentamento dos desafios vivenciados diariamente na prática profissional.

A Educação Permanente é uma prática de ensino-aprendizagem essencial para a enfermagem, visto que atua na transformação do processo de trabalho fomentando a qualidade da assistência prestada aos clientes nos serviços de saúde.<sup>13</sup> Ressalta-se a valorização do processo de trabalho como foco da aprendizagem, através do qual são identificadas lacunas de conhecimentos e atitudes as quais se manifestam por meio de dificuldades na rotina de trabalho.<sup>15</sup>

Estas dificuldades podem ter origens distintas como, de ordem organizacional, técnica ou humanas. Sendo que, algumas exigem ações exclusivamente técnico-científicas outras, envolvem relações interpessoais e princípios. Além disso, as dificuldades aparentemente técnicas podem ser o reflexo de conflitos latentes em relação aos diferentes pensamentos e formas de atuação profissional.<sup>15</sup>

Cada profissional tem as suas particularidades, suas concepções formadas acerca do processo

de trabalho, do seu papel nas instituições de saúde, do sistema de organização, e é dessa forma que se insere no coletivo da equipe.<sup>12</sup> A equipe é formada por sujeitos com diferentes maneiras de pensar e agir, uma das causas dos conflitos interpessoais dentro dos coletivos. Dessa forma, a Educação Permanente em Saúde possibilita o espaço para a reflexão e discussão, oportunizando aos profissionais o reconhecimento das diferenças e a busca em conjunto de ações para as transformações desejadas.<sup>15</sup>

Evidencia-se que além de servir como prática de ensino-aprendizagem para a atualização e transformação das práticas, a Educação Permanente em Saúde atua nas relações da equipe, transformando os processos de atuação conjunta e ao mesmo tempo, implicando cada sujeito-trabalhador envolvido nas práticas de saúde. Neste sentido, é a equipe que deve identificar os problemas existentes nos serviços e organizações de saúde, discutindo e articulando sobre possíveis soluções de forma a obter resultado mais satisfatório no trabalho. O trabalhador não pode ficar somente como ouvinte de atualizações e capacitações em saúde, ele deve atuar como agente participante mostrando as deficiências, questionando e propondo ideias para a resolução de dificuldades encontradas. Assim, a Educação Permanente em Saúde desponta como um instrumento capaz de potencializar as relações interpessoais no trabalho da enfermagem, transformando o processo de trabalho em uma prática mais humanizada, proporcionando ambientes organizados e com condições de atender as necessidades dos trabalhadores e clientes assistidos.<sup>16</sup>

## **Considerações finais**

Educação Permanente no trabalho da Enfermagem e Saúde fundamenta o processo educativo por meio da construção e reconstrução de conhecimentos baseados no cotidiano vivenciado pelo profissional. Através da problematização o mesmo é instigado a refletir, agir e questionar novamente as práticas em saúde. Deste modo, a formação dos profissionais de saúde deve ampliar suas competências, visando inculcar

nos profissionais a necessidade de reflexão sobre o processo de trabalho, sobre suas atitudes individuais e coletivas, proporcionando-os subsídios para intervirem significativamente nas suas práticas. Pois, somente a partir do momento em que a discussão for fomentada na base será possível reconhecer o valor educativo do próprio trabalho, como, também, o trabalhador como ator participativo e responsável pela construção de mudanças nas práticas de saúde.

No entanto, mais comumente, visualiza-se a Educação Permanente no setor da saúde e enfermagem vinculada aos conhecimentos técnico-científicos reportando valores que aspiram para a fragmentação das ações e o trabalho individual especializado deturpando a humanização do cuidado com os clientes e dos próprios trabalhadores. O momento atual suscita ajustes e releituras dos profissionais e das instituições de trabalho e de ensino para que a Educação Permanente em Saúde não se traduza em mero *slogan*, apenas renovando os processos relacionados à educação “bancária”,<sup>17</sup> que subestima a dimensão da subjetividade.

## Referências

1. Brasil. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. SUS: avanços e desafios. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Brasília: CONASS, 2006 [Internet]. [cited 2012 February 21]. Available from: <http://www.conass.org.br/arquivos/file/susavancosedesafios.pdf>
2. Costa EP. Técnicas de dinâmica: facilitando o trabalho com grupos. Rio de Janeiro: WAK; 2002.
3. Zabalza MA. Estruturas organizacionais das instituições universitárias. In: Zabalza MA. O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed; 2004. p. 67-104.
4. Osorio LC. Psicologia grupal: uma nova disciplina para o advento de uma era. Porto Alegre: Artmed; 2003.
5. Davis K, Newstrom JW. Comportamento humano no trabalho: Uma abordagem psicológica. São Paulo: Pioneira Thomson Learning; 2002.
6. Lane STM, Codo W, Andery AA, Neto AN, Ciampa AC, Carone I, et al. Psicologia social: o homem em movimento. 10. ed. São Paulo: Brasiliense; 2006.
7. Oliveira BR, Lopes TA, Vieira CS, Collet N. O processo de trabalho da equipe de enfermagem na UTI neonatal e o cuidar humanizado. Texto Contexto Enferm. 2006; 15 (n. esp):105-13.
8. Delors J. Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Destaques. Brasília: MEC/UNESCO; julho de 2010 [Internet]. [cited 2012 February 20]. Available from: <http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>
9. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. HumanizaSUS: Política Nacional de Humanização: a humanização como eixo norteador das práticas de atenção e gestão em todas as instâncias do SUS / Ministério da Saúde, Secretaria Executiva, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. – Brasília: Ministério da Saúde; 2004.
10. Ceccim RB. Educação Permanente em Saúde: desafio ambicioso e necessário. Interface - Comunic, Saúde, Educ.2005; 16(9):161-77.
11. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. Política de educação e desenvolvimento para o SUS: caminhos para a educação permanente em saúde: pólos de educação permanente em saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, Departamento de Gestão da Educação na Saúde.– Brasília: Ministério da Saúde; 2004.
12. Ceccim RB, Ferla AA. Educação Permanente em Saúde. In: Bahia. Secretaria da Saúde. Superintendência de Recursos Humanos da Saúde. Escola Estadual de Saúde Pública. Estágio de vivência no SUS: o cotidiano do SUS enquanto princípio educativo, coletânea de textos / Secretaria da Saúde. Superintendência de Recursos Humanos da Saúde. Escola Estadual de Saúde Pública. - Salvador: SESAB; 2009. p.70-5.
13. Pease APF, Moarais MEP, Crivellaro JLG. Educação permanente em saúde. [Internet]. [cited 2010 Novembro 11]. Available from: [http://www.uniandrade.edu.br/links/menu3/publicacoes/revista\\_enfermagem/artigo\\_042.pdf](http://www.uniandrade.edu.br/links/menu3/publicacoes/revista_enfermagem/artigo_042.pdf)

14. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação em Saúde. Política Nacional de Educação Permanente em Saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, Departamento de Gestão da Educação em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde; 2009.
15. Batista KBC, Gonçalves OSJ. Formação dos Profissionais de Saúde para o SUS: significado e cuidado. *Saúde Soc.* 2011; 20(4):884-99.
16. Smaha IN, Carloto CM. Educação permanente: da pedagogia para a saúde. [Internet]. [Cited 2010 November 16]. Available from: [http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-2010/india\\_nara\\_smaha\\_cassia\\_maria\\_carloto\\_educacao\\_permanente\\_da\\_pedagogia\\_para\\_a\\_saude.pdf](http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-2010/india_nara_smaha_cassia_maria_carloto_educacao_permanente_da_pedagogia_para_a_saude.pdf)
17. Freire, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 37ª. ed. São Paulo: Paz e Terra; 2008.